

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 931

Domingo, 4 de Dezembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 28-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhaha-Lisboa 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalvia, 114 e 115

A COMÉDIA BURGUESA

O PARLAMENTARISMO

A velha farça "Parlamento", volta em breve à scena, desempenhada por toda a companhia politicante

Está para breve a abertura de S. Bento, com uma nova farça burguesa. Está em plenos ensaios de apuro a nova peça patriótica de grande espectáculo chamada "Parlamento".

Os empresários das companhias de politicos fazem os seus réclames, anunciam mais um formidável êxito, — sucesso nunca visto, sem rival! — E elogiam os comícios que não de desempenharam: os principais papéis pertencerão às conhecidas estrelas-leaders; os papéis secundários estão a cargo de verdadeiros artistas e conforme a sua mais que comprovada... incompetência.

A orquestra tocará algumas peças de música do seu variado e vasto repertório de apoios e de "ordem pública".

A carpintaria caciaqueira está dando os últimos retoques nos pregos que vão de simular as urnas e as eleições.

Os directores... artistas do Terreiro do Paço correm azafamados dum lado para o outro, fazendo os últimos preparativos e procurando formar com o seu elenco um belo conjunto de... nulidades, e em que cada qual deverá sustentar até final o seu papel.

Os ensaístas afinam o movimento das massas... corais e de figurantes da grande apoteose à "Soberania do Povo".

Os contra-regras marcam as entradas e saídas de todos os farçantes e farçistas que passam a ter papéis no Teatro de S. Bento. E, para que pareçam muitos, eles desdobram-se, põem diversos "mascaras" (pessoas), com que não de fingir ser o que não são, ou não ser o que realmente são... Caricaturizam-se, há de pessoas sérias, distintas e inconfundíveis, mas que não passam afinal duma só pessoa verdadeira e... desavergonhada!

Os electricistas dos campainhas da imprensa — alavanca do progresso — experimentam as luzes da ribalta, das gabiolas e dos longos e apontam-nas assim de por fechos de luz azul e branca ou verde e rubra, deslumbrando a galeria e esconderem a pobreza dos emprezários, a miséria do cenário, a trapalheira suja do avariado e antigo guarda-roupa nacional, dos partidos, e a pintura do emagrecido rosto dos velhos e desacreditados artistas que querem passar por... outros mais novos e com boa fama.

Dividida em várias sessões teremos, pois, brevemente em scena, e, em repêso, a velha farça "Parlamento" da autoria dos Ex.ºs Srs. Drs. Burgueses, que formam a "Companhia Política sob a razão comercial" "Constitucionalismo monárquico-republicano, Limitada".

A celebrada soberania popular é a carneirada de duas dúzias de eleitores. O Parlamento, uma patuscada em que a conversa amena de "club" se junta a inoconsciência do que se faz e vota

Que vamos ver? Primeiramente, após a sintonia patriótica contra o indiferentismo das urnas teremos o prólogo intitulado as "eleições".

Uma dúzia de grupos de comparsas servirão de eleitores, de "conscientes patriotas que cumpram o mais sagrado dos deveres cívicos". Essas dúzias de grupos onde se incluem os próprios candidatos, os militantes e chefes das quadrilhas politiqueras, os caselões, os impedidos, os polícias e os soldados da G. N. R. e da guarda fiscal — arrancam a si a pretensão de se equivaletarem à opinião de seis milhões de seres que são... pessoas!

Essas dúzias de grupos, pró-forma, por cerimónia, não para parecer mal, umas latas que se chamam urnas, uns papéis previamente litografiados, e todos os elementos de uma campanha eleitoral, onde estão escritos uns nomes ilustres de não menos ilustres cavalheiros desconhecidos para eles ou de famosos e celebrados profissionais de pais da pátria já muito conhecidos pelas suas edificantes façanhas e honradas trampalhões. Entre esses nomes surgirão, como e quando em causa velha, alguns não menos ilustres representantes das "forças vivas" ou das "forças do ódio vivo".

Nalgumas terras a coisa far-se há muito simplesmente, com a maior limpeza, sem necessidade de eleitores; basta só os elegíveis, que, prescindindo da convencional oposição, resolvem o negócio, sem maquiagem, nem cerimonia. Nada de cerimonia!

E assim no dia 11 de Dezembro de 1921 aparecerão uns indivíduos com o rótulo de deputados ou de senadores, conforme foi previamente acordado entre os senhores de tudo isto, que, impostoramente se não de declarar legítimos representantes da nação, do povo, da soberania popular, etc. etc.

O "Soberania popular" onde está, que te quero ver! Depois, eis no palco de S. Bento, ancos de petulância, muito senhores de si e da sua... inconsciência e incompetência. E então vê-los a viajar por esse Portugal a aproveitar os passos que os Caminhos de Ferro dão de boria a todos os pais da pátria; então vê-los por essas repartições públicas a tratar dos negócios... seus e dos amigos; então vê-los faltar às sessões ou sair depois de dar o ponto para não perderem a massa e fôr para os animatogramas, para as brasileiras, para a Garret, ou para outras casas; então vê-los aproveitar as horas que maçoadores horas! das sessões a porém em dia a sua correspondência, a escrever cartas a amigos, afilhados e padrinhos, aos sócios e súcios, ou a conversarem amistosamente com o seu mais encarnigado inimigo... político; então vê-los, enfim, a fazer tudo menos trabalhar nas comissões, menos ouvir com atenção delicada um colega que palra um discurso, menos reparar e saber no que votam, salvo se se trata de alguma petifaria que tem empenho em fazer, passar!

O Parlamento, máquina incompetente de fazer leis, julgado pelos seus actos e factos como uma instituição de confissão mentira e que não oferece garantias de honestidade

De facto, o Parlamento está desacreditado, e não fomos nós... foram os próprios e genuínos parlamentares pelos seus actos e pelos seus discursos. E' o vício da sua origem, e' o vírus maligno próprio da própria instituição, o que o berço dá a fumaça o leva.

Assim como a política meramente empírica do Estado burguês é uma obra de mentira, de corrupção, ob a capa duma doutrina metafísica de "soberanias" de divisões e de independências de poderes, do Estado, etc. etc., o Parlamento, não passa igualmente duma mentira, dum órgão corruptor, ridículo, sob o rótulo duma instituição indispensável e fundamental, sacrosanta, que serve de penhor e de guarda vigilante das "garantias dos cidadãos"... chavões que nada significam, de nada valem e que por isso mesmo todo o bom burguês se apraz de promover e em que todo o conselheiro Acácio se blazona de falar!

Garantias! Garantias são coisas que nunca o povo viu ou experimentou, porquanto há sempre ocasião e oportunidade para suspender as poucas que existem consignadas no papel... e de quem mesmo é preciso a sua fingida suspensão. Só por sarcasmo é que se suspende uma coisa que esteve sempre suspensa.

E' o caso da responsabilidade ministerial: um ministério pratica um abuso de poder, prevarica, procuram-se os textos legais aplicáveis e verifica-se que não está regulamentado o seu processo. Reclama-se uma lei de responsabilidade ministerial e de abuso da autoridade, respondem-nos: "Não é precisa; as leis existentes bastam". E assim há uma responsabilidade ministerial, é facto, mas nunca se aplica porque... não há regulamentação de processo! A eterna comédia!

Não são precisos os argumentos da ciência "ocul", as doutrinas dos sociólogos, para se provar como esta instituição pedantesca e omniciente é imperfeita e incapaz de realizar a sua missão, e como é uma das fideias, uma das hipocrisias burguesas. E' escusado afirmar que, como toda a instituição falsa e fictícia, ela contém o germe da sua própria destruição, da sua ruína.

Para a condenação do Parlamento, não é preciso alegar que, apesar das suas comissões, etc. e um órgão a que falta saber técnico e científico para tratar dos problemas da vida moderna; basta o seu ridículo, basta ir a assistir a uma sessão qualquer, ao acaso, e ver, observar, ouvir! Vá o leitor assistir a uma sessão e temos a certeza que sairá da sala indignado, revoltado por tam repugnante instituição. Não há ninguém que vá a uma sessão que não se torça logo anti-parlamentarista.

O Parlamento, instituição estúpida e condenada e desacreditada pelos próprios parlamentaristas, pelos defensores da comédia burguesa

Mas se querem melhor prova de que o Parlamento é uma instituição essencialmente estúpida, ouçam os próprios politicos nos seus desabafos íntimos. Ouçam todos os ministros presentes e passados, ouçam todos os deputados e senadores e não haverá um, um só que não declare que o trabalho parlamentar, que o parlamentarismo é prejudicial e que quem quiser fazer obra aceitável tem de fazê-la fora do parlamento!

Quem não ouviu a qualquer ministro ou parlamentar exclaimar aterrorado no querer salvar um diploma da sua autoria: "Não, não, se calhar na câmara, estraga-se com aqueles galgaros das comissões que emendam um critério a um saber! E' cada um censura todos os outros seus colegas, qualificando-os com termos desprezíveis. "Oh! F. esse só quer fazer coisa: arranjar-se! C. votou no projecto de lei que criou o lugar para que depois foi nomeado! B. é estúpido! não tem uma porta!" O P. mal sabe escrever o seu nome! O R. é um

ignorante chapado! E' o S. esse é um finório; por qualquer coisa se vende, etc. etc.

E não há um só ministro, um só leader, um só deputado ou senador, que para seus fins, não tenha ludibriado os seus honrados colegas, fugindo à charlatania parlamentar, quer legislando à sucapa, numa ditadura disfarçada, quer fazendo passar surreitramente, num final de sessão prorrogado, quando todos apressados, quem ir para casa ou à vida ou estão distraidamente conversando uns com os outros, — uma leisiinha amiga e para amigos!

Quem não ouviu dizer: "F. tem um projecto de lei tal. Só espera o momento em que a câmara esteja distraída ou numa cabazada!" E' exemplo o célebre orçamento Afonso Costa aprovado à pressa, de madrugada!

E é para isto que tanta gente quer ser deputado ou senador! E é para isto que se gasta tanto dinheiro e se fazem eleições!

As provas da nocividade parlamentar acumulam-se. Factos e só factos! Os próprios fogem do Parlamento. Votam-se leis por engano ou subrepticamente para as clientelas amigas

As provas da nocividade do Parlamento acumulam-se em montões de factos. Os próprios politicos são os primeiros a confessar que no Parlamento se estragaram todos os projectos de lei, quer por ignorância, quer por estupidez, quer pela política de campainha e do sapateiro de Braga.

As continuas e constantes dissoluções parlamentares, quer no tempo desta quer no tempo da outra senhora, seja por decreto do poder moderador ou do poder presidencialista, seja por imposição revolucionária, — tudo visa a querer substituir pelos próprios parlamentaristas a acção nefasta dum Parlamento.

Na Monarquia o Parlamento funcionou menos tempo do que as ditaduras; na República ain a não houve um Parlamento que funcionasse até ao fim do período para que foi eleito.

Nenhuma lei sobre instrução, quer antes quer depois da República, foi obra do Parlamento!

E quando os ministros se apanham à solta, sem Parlamento, eles procuram aproveitar o ensejo, e por todos os modos e azafamados, legislam, regulamentam, reformam tudo, até ao último dia da sua vida ditatorial e em caso de necessidade não se importam falsificar os diplomas pondo-lhes datas anteriores e publicá-los em suplementos aos números de Diários de Governo anteriores.

Em 1919 no fim de Maio publicaram-se diplomas referentes ao dia 10 do mesmo mês porque nessa data é que terminou o período ditatorial! Trinta suplementos foram assim publicados!

Na Monarquia havia a lei dos metos e o regime das autorizações que serviam para os ministros ficarem livres dos disparates e da estupidez e incompetência dos pais da pátria; agora, em plena República, temos igualmente o regime das autorizações e o célebre sistema dos duodécimos!

A afamada garantia constitucional do direito público tradicionalista e liberal, de que os impostos e as forças de terra e mar devem ser votados anualmente pelo poder legislativo, que era a única coisa que pretendidamente defendia o regime do abuso dos governos para exercerem a ditadura, e respirarem a vida parlamentar, foi coisa que passou à história, porque o Parlamento não tem autoridade para se impor, não é independente do poder executivo, mas sim seu humilde servo. O orçamento é coisa que já não existe nas finanças avariadas do Estado e os srs. parlamentares ficam-lhe tanta importância que nos últimos duodécimos do ministério Barros Queiroz votaram-se e aprovaram-se disposições por engano, por distração, como confessaram ostensivamente alguns deputados, no dia seguinte à votação!

O Parlamento cada vez decai mais! As câmaras dissolvidas são sempre substituídas por outras piores. E' uma obra de deseducação social

Na Monarquia, os parlamentares eram mais gravados na sua impostoria; mais conselheiros na sua mentira; fingiam melhor. Tinham mais "pose". Os pais-da-pátria monárquicos sabiam representar melhor os seus papéis. Eram comediantes experimentados; tinham mais prática o palco, sabiam usar melhor dos trunfos das conveniências, eram mais hábeis em medir as consequências e os conselhos da educação dos jesuitas, mascaravam-se melhor de homens sérios. Sabiam aproveitar com mais esperteza as situações. Procuravam imitar com mais rigor, aparente o figurino, cobriam-se com o verniz, igualmente vigarista, do estrangeiro. E acabaram, à força de hábito, por ser sinceramente... hipócritas.

Na República, há mais franqueza, menos austeridade na mentira; menos esperteza na hipocrisia. Os actos, as palavras e os discursos de S. Ex.º os Srs. pais-da-pátria republicanos são menos medidos, menos estudados e daqui maiores... gaffes! São ainda, quanto a acção sinceramente... parvos ou... desavergonhados.

E' essa franqueza levou um desacreditado político a confessar em pleno parlamento que não valia a pena dissolver as câmaras porque cada vez são piores! Certo professor fez um dia uma excursão com os seus alunos ao Parlamento, e assistiu com eles a uma sessão, mas não pôde julgar do seu dever ir-se embora em vista do espectáculo tam pouco educativo que os seus discípulos estavam presenciando:

No meio dum sussurro de cavaqueiras amenas, de risos e gargalhadas indiferentes, de tempos de carteira que se fechavam sonoramente, de chamadas em voz alta dos continuos, um homenzinho falava e gesticulava sobre qualquer coisa, sem ninguém o ouvir, salvo o colega-anfitrião da mesma bancada que de quando em quando, interrompendo uma carta que escrevia, lhe dava um apoloado animador. O presidente, de vez em quando, interrompia a conversa animada em que estava empenhado com um dos leaders e tocava a campanha para fim de que mantinha o necessário silêncio e chamando pró-forma "a atenção de todos os lados da câmara". Ao terminar a arenga do illustre orador, o presidente pôs em seguida à votação um qualquer pr. joelho de lei. Não havia número na sala, para votações. O presidente tocou e as campainhas retinam por toda a parte a chamar os deputados que se encontravam fora da sala das sessões, espalhados pelos Passos-Perdidos, pelo bufete. Mais de metade estava lá fora a palrar, nos "comos e bebes" ou a tratar das pendosas negociatas em que andam metidos à sombra e por influência das suas funções políticas, lucrativas e privilegiadas.

O presidente pôs então à votação o projecto, e uns aprovam-no e outros rejeitam-no, sem indagarem acerca do que votavam, seguindo apenas o gesto ou ordem do seu leader.

Aí saíam, as crianças diziam ao professor profundamente vexado: "Nós, lá na escola, somos melhor comportados do que aqueles homens!"

E' sempre assim, nesta inconsciência que se fazem a maior parte das leis!

O mal não está nos homens; está na própria instituição que o permite e acalenta e não corresponde ao seu fim. Ela compraz-se de própria charlatania. A sua substituição pelos técnicos profissionais e respectivos órgãos sindicais impõe-se em nome da ciência social e da humanidade

E não se diga que é dos homens! Não! E' da própria instituição, é da essência das coisas. O Parlamento é uma engrenagem artificial do artificial e artificioso Estado. Na falência deste está naturalmente envolvida a bancarrota daquêle.

A sua ruína deriva da sua própria natureza. Se correspondesse a uma necessidade, essa necessidade criaria as condições indispensáveis de pureza e de eficácia, criaria por si mesma as devidas sanções da sua perfeição e da punição da delinquência. O próprio órgão, se ele fosse natural, expulsaria, por meio duma reacção salutar, os elementos deletérios.

Mas não é assim. O órgão é que, por natureza, alimenta e engorda esses elementos corruptores.

O Parlamento há de desaparecer, tem de desaparecer por incapaz, por corrupto próprio.

A sua enciclopédica ignorância, a sua vacuidade megalomaniaca e omniciente dos doutores e das doutorices politicas e galeadamente interessada, deve suceder as assembleias naturais dos técnicos competentes, dos sindicatos únicos, das federações de industria ou de profissão e da Confederação Geral do Trabalho! Só aos técnicos, e unicamente aos técnicos, é que cumpre resolver directamente os vários problemas que lhe dizem respeito! Nada de intermediários, de delegados parasitas e adventícios!

Alto Parlamento, exame de doutores e de militares politiqueros e sem profissio útil e definida, devem suceder os congressos dos especialistas, por especialidades.

A acção parlamentar dispersa, difusa e incoerente, deve suceder a acção directa espontânea e natural, convergente competente, e consciente dos técnicos e especialistas!

O Parlamento morrerá por si, às mãos dos próprios parlamentaristas e pela greve dos eleitores enojados! Sim, o cidadão honesto e limpo não vota e cada vez o número de eleitores de facto é, felizmente, menor!

Página escolhida

O regime dos conselhos

A imagem concreta do que será o Estado de amanhã, aparece pela primeira vez a Pellontier, através da organização das Bolsas do Trabalho. A Bolsa do Trabalho, reunião dos sindicatos da comuna, devia tornar-se a célula económica, administrativa e política da sociedade socialista.

Era uma visão política, mas na época em que Pellontier escrevia quasi não era ainda uma visão. As Bolsas de Trabalho ou antes as Unões de Sindicatos, locais e departamentais, que as substituíram cresceram, desenvolveram-se, organizaram-se, mas até à guerra nenhuma tentativa fizeram — salvo talvez um dia a Bolsa de Parma — para se assenhorearem do poder e assegurarem a direcção da Sociedade.

Uma ideia, porém, tam profunda como a da tomada do poder pela classe operária com o auxilio dos seus órgãos próprios, não podia morrer. Pelo contrario, quando a julgarmos adormecida, ela germina, desenvolve-se por vias desconhecidas, e no primeiro momento favorável, estala como o trovão e propaga-se com a rapidez do relâmpago.

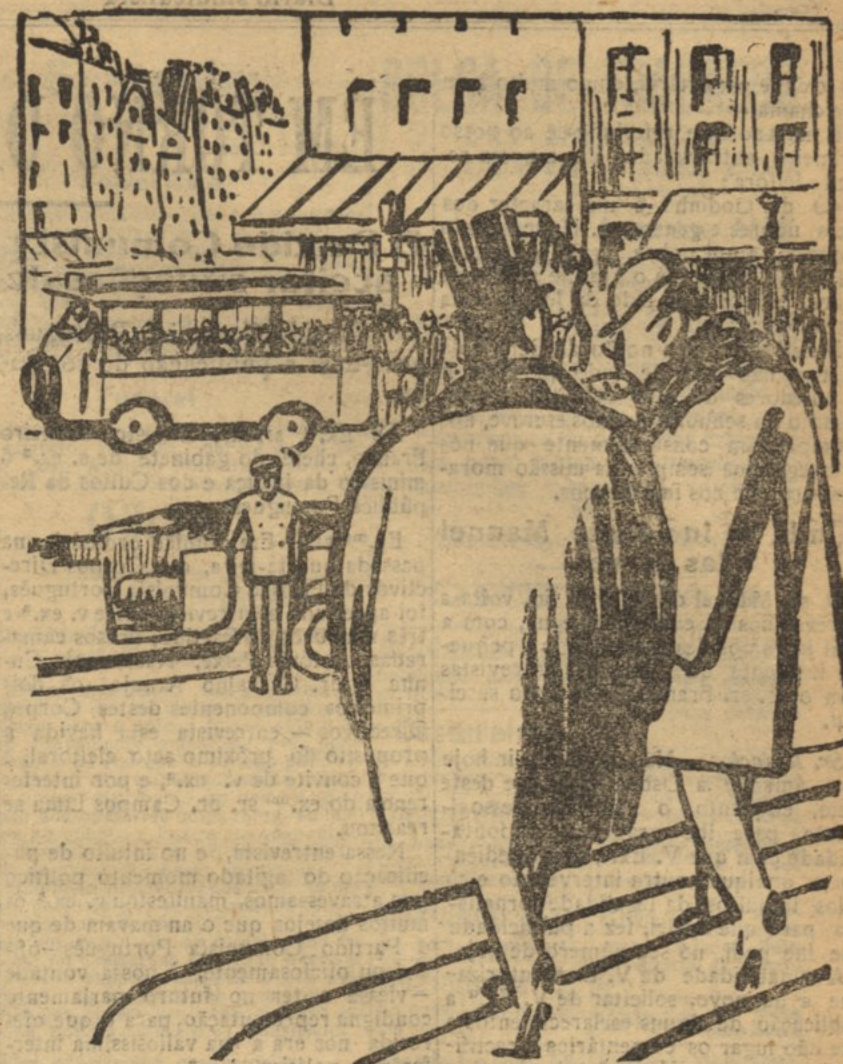
E' o que se deu com a velha ideia de Pellontier, pei do sovietismo.

Quando o golpe de Estado bolchevique libertou o povo russo dos últimos restos do domínio burguês, o proletariado russo não pensou um instante que, para exercer o seu poder e realizar os seus fins, pudesse servir-se de outros organismos que não fossem os seus próprios. Não teve um momento a ideia de se apoderar das engrenagens do Estado burguês para as fazer funcionar em seu proveito.

Para exercer funções novas, para realizar novas ideias, novos quadros são indispensáveis. O proletariado não pode exercer o seu poder, deitando-se no leito da burguesia. Só pode ter a realidade do poder, se o exercer pelo funcionamento das suas próprias instituições. Só assumirá o livramento, servindo-se dos próprios utensílios que fabricou para o combate, durante a sua servidão.

E é assim que o Sôviets ou Conselho

Novo aumento de tarifas?



OS BURGUESES, — Se o povo andasse de automóvel como nós, já a Companhia não fazia aumentos...

"A BATALHA" EM SANTARÉM

O nosso jornal esperado todos os dias com grande ansiedade — O aplauso à nossa campanha

Congratulamo-nos com o acolhimento verdadeiramente admirável que a "Batalha" tem tido em Santarém, nestes últimos dias. Segundo informações do nosso solicito correspondente, a "Batalha" tem sido procurada com vivo entusiasmo.

Os escândalos do Hospital da Misericórdia que só a "Batalha" teve coragem de trazer a público (porque o nosso jornal não dependendo da casta capitalista, não tem medo de pôr a nu os podres dos ricos, dos grandes e dos poderosos) causaram naquela cidade extraordinária sensação.

A "Batalha" era esperada com verdadeira ansiedade todas as manhãs. Havia até quem fosse propositalmente à estação do caminho de ferro adquirir a "Batalha" para que vinham esperar os produtores se torna o órgão natural do Poder dos Produtores.

E' esta uma verdade tam evidente que sobre ela é que imediatamente se estabeleceu a luta entre burgueses e proletários, em todos os países em revolução.

R. LOUZON.

PELA RÚSSIA

A NOVA POLÍTICA ECONÓMICA DOS SÓVIETES

A nova política económica da Rússia reduziu a exploração pelo Estado aos ramos de industria mais importantes: minas, transportes, grande industria, comércio externo, monopólio financeiro.

Restringe-se portanto esta nova política aos ramos de industria cuja estatização ou municipalização estão inseridos em todos os programas socialistas.

Dir-nos-hão, talvez: mas para isso foi necessário quatro anos de guerra civil e a ditadura do proletariado para chegar a um resultado previsto por todos os programas socialistas? Não teria sido melhor desde o começo limitarem-se a prudentes medidas de socialização?

Este raciocínio tipicamente socialista confunde a oportunidade económica com as possibilidades políticas e sociais. Os comunistas russos, não tiveram no início tal intensão foram contrariados a nacionalizar toda a média e pequena industria por causa da sabotagem exercida por todas as camadas da burguesia.

Todas as tentativas de socialização fracassaram no futuro de encontro ao mesmo obstáculo.

As experiências feitas na Alemanha, na Austria, na Boêmia e na Hungria, pelos socialistas que entraram nos governos burgueses provam que a socialização pacífica feita de acordo com a classe possuidora é uma quimera. Enquanto a burguesia detiver o poder, o Estado, o aparelho administrativo, é-lhe fácil impedir as medidas de socialização.

A ditadura do proletariado é a condição política preliminar de qualquer medida de socialização eficaz. Ora, logo que o poder politico cai nas mãos do proletariado, as medidas de socialização parcial vão chocar-se simultaneamente com as resistências da burguesia e com a oposição da própria classe operária.

Os exemplos da Rússia e da Hungria

O que se deu na Rússia e na Hungria são a prova de que airmamos. Impedidos pelo interesse de classe que os leva a criar dificuldades ao governo operário, os capitalistas cujas empresas não foram socializadas desorganizam voluntariamente a produção. E também o próprio interesse individual os leva a isso, porque no primeiro período da ditadura do proletariado, o afluxamento da disciplina do trabalho torna a produção muito difícil.

A revolução põe termo a uma disciplina de trabalho fundada sob a sujeição do trabalhador à exploração. Os operários que acabam de alcançar sobre o capitalismo uma vitória decisiva não se entregam de vontade ao trabalho com um pequeno patrão. Pouco importa que o governo revolucionário não queira nacionalizar senão as grandes industrias. A força das coisas obriga-o a expropriações cada vez mais extensas.

Na Hungria só foram nacionalizadas as empresas que empregavam mais de 20 operários, pois os operários das empresas que empregavam 18 ou 19 pessoas não quiseram compreender porque os deixavam ainda explorar.

E foi contra a vontade expressa do governo dos soviets húngaro que eles por seu motu próprio procederam à expropriação dos seus patrões. Naturalmente o governo comunista não podia intervir para defender o pequeno patronato.

Uma revolução não se pode previr de antemão, nos seus menores detalhes. Toda a ditadura operária deverá, a título temporário, alargar, mais ou menos, o domínio das socializações.

Causas da restrição das socializações na Rússia

Mas qual o motivo porque presentemente esta restrição das nacionalizações na Rússia se tornou possível?

Dois mudanças importantes se deram:

1.º — A burguesia teve que reconhecer a impossibilidade de vencer a ditadura do proletariado. Os seus recursos esgotaram-se. Viu-se portanto forçada a acomodar-se às situações criadas e a consentir organizar as empresas em regime comunista.

2.º — Por outro lado, as deploráveis experiências feitas pelos proletários ensinavam a estes que não estavam ainda preparados para assumir a organização de todas as industrias.

Viram-se, portanto, forçados a imporem a si próprios restrições depois de terem pago por preços elevados o concurso dos especialistas burgueses. Certamente que foi muito dolorosamente que os trabalhadores comunistas foram forçados a aceitar este estado de cousas.

Mas a experiência politica adquirida em quatro anos de revolução pelo proletariado russo basta para convencer da inelutabilidade de certas restrições. Posto que de posse do poder politico, o proletariado russo, sabe que tem muito ainda que aprender na escola económica da burguesia.

Toda a ditadura será portanto forçada a conhecer a necessidade duma socialização quasi total.

O acordo com a burguesia sobre as bases duma socialização parcial não passa duma utopia politica. Mas nem por toda a parte o proletariado terá que retroceder uma parte das vantagens económicas que adquiriu.

As restrições ao regime da socialização há de variar conforme os países

Na Alemanha, por exemplo, onde a força numerica do proletariado é muito mais considerável que na Rússia, onde todo o operário sabe ler e escrever, onde as facilidades de organização estão superiormente desenvolvidas, onde se poderia, em ditadura revolucionária encontrar facilmente um ponto de junção com a Rússia dos Sovietes, o que libertaria a revolução dos encargos duma resistência armada sobre todas as fronteiras, parece-nos que semelhante retrocesso se não importaria.

Não se deve esquecer que a Rússia, primeiro Estado proletário, teve que resistir durante quatro anos a todo o mundo capitalista.

A necessidade da defesa revolucionária absorveu todas as capacidades organizadoras da classe operária russa, relativamente atrasada sob este aspecto e pouco numerosa. No começo da revolução muito poucos militantes tiveram vagar para se consagrarem às tarefas económicas. Mas a conservação da ditadura proletariana é certamente a única coisa decisiva.

Quando a formação de novos Estados proletários pôz fim ao isolamento da Rússia, as suas forças organizadoras hoje retidas pelo exercito e pelas administrações cexas à defesa do país libertar-se-hão e tornar-se-hão factores de progresso económico.

Os operários devem compreender que a marcha lenta da revolução na Europa, obriga os comunistas russos a concessões por vezes muito dolorosas.

Se algum dia de censura não são com certeza os comunistas russos, mas talvez a classe operária dos outros países. Mas pode-se e deve-se falar em censuras?

Em todo o caso os argumentos dos socialistas são a este respeito destituídos de valor. Nada nos permite acreditar que se possa evitar a ditadura do proletariado e proceder "a acordo com a burguesia à organização económica da sociedade nova, partindo do ponto a que chegou a Rússia comunista depois de quatro anos de lutas encarniçadas". Semelhantes ilusões só se podem manter por um desconhecimento completo da luta de classes ou pela traição à causa revolucionária.

E. VARGA.

Ninguém segure prédios ou mobílias
contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00—Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95—Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A MUNDIAL, de acordo com um fortíssimo grupo reasegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRÊNCIA, oferecendo a máxima das garantias, NÃO SOBRECARRGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCÊNDIO E ROUBO numa só apólice.

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a cariedade dentária e por todas as pessoas que tem de suportar oscuros e duvidosos porque as defende de contágios perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro apressam a cura e permitem-lhes sonos reparadores e seguras;
4.º Limpa o pigarro, combate a rouquidão, solara a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

1.º Atenua a ação nociva da nicotina, que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com ela convive, evitando-lhes o cancro e o estomago do estomago;
2.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surdez cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
3.º Usadas pelas que vivem ou frequentam casas doentes, porque o fumo anicia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como tuberculosa, coqueluche, pneumonia, diptéria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correl	Pelo correl
Adolfo de Pinho. — Quem não trabalha não come...	80	85
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho...	240	240
Alfonso S. Henri. — Evangelho dos Livros...	60	65
Basilio Teles. — O estatuto dos povos...	40	45
Brian. — A greve geral...	40	45
Campes Lind. — O movimento operário em Portugal...	60	65
Carlos Rato. — A ditadura do Proletariado...	40	45
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilização...	160	160
Cesar dos Santos. — A questão operária e o socialismo...	60	65
Charles Albert. — O amor livre venturoso. — Contra o confucionismo...	100	105
Dalai. — Os fins últimos, os políticos e a guerra...	60	65
Domela Nieuwenhuis. — Patria e Humanidade...	60	65
Dufour. — O anticapitalismo e a próxima revolução (2 vol.)...	280	280
Emílio Costa. — Acção directa e acção legal...	60	65
Elevant. — A minha terra, o meu trabalho e a guerra...	40	45
Fraser. — A Rússia vermelha...	40	45
Fabra Ribas. — O socialismo e o conflito europeu...	60	65
Griffuelles. — A acção sindical...	60	65
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas...	180	185
Guyau. — O socialismo e a obrigação sem sanção...	180	185
Hamon. — A conferência da Paz e o seu objectivo...	180	185
As lições da guerra mundial O movimento operário da Grã-Bretanha...	180	185
Psicologia do militar profissional...	180	185
Psicologia do socialismo...	180	185
A Crise do Socialismo...	180	185
Henriette Roland. — A Rússia nova...	180	185
Jean Grives. — A Anarquia, o Povo e o Socialismo...	180	185
Jose Carlos da Souza. — A propriedade privada...	180	185
Jose T. Lorenzo. — O socialismo e a Anarquia...	180	185
Jose Guedes. — A lei dos salários...	180	185
Krapotkin. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal...	180	185
A Revolução (2 vol.)...	180	185
A moral anarquista...	180	185

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade
por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.
PREÇO \$40

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

AMANHÃ, SEGUNDA-FEIRA
NOVA EXPOSIÇÃO DE
Lãs, sedas, veludos, malhas de seda e outros artigos de abato
conjuntamente com a venda especial de
NOVOS SALDOS
A PREÇOS REDUZIDOS em todas as importantes secções!

VELUDOS ingleses, esplendidas qualidades, todas as cores, moda, grande diversidade. Metro, desde 7\$300	M LHAS DE SEDA em lindas cores. A grande moda para casacos de senhora. Metro, desde 2\$200	VELUDOS pretos, cor garantida, sortido colossal em todas as larguras e qualidades. Metro, desde 6\$500
Lãs de fantasia, padrões novos, grande sortido para vestidos. Metro a 2\$300 e 1\$750	CHEVIOTES bons padrões, género inglês, para fatos de homem. Metro 5\$000	SEDAS Messalinas, todas as cores moda e em preto e branco. Metro 8\$500
POR 20\$000! Um belo casaco de bom cheviote, género inglês, desenho e feitura da moda para senhora.	POR 7\$500! Um lindo vestido de tecido da moda, feitura muito elegante para senhora.	POR 27\$500! Um chapéu de grande fantasia, cópia de modelo, para senhora.
FATOS feitos em todas as medidas, em belos cheviotes, com bons forros, para homem, desde 5\$500	SOBRETUDOS de bons cheviotes, padrões ingleses, bom acabamento, para homem, desde 7\$250	GABARDINES impermeáveis, sortido colossal para homens. Preço de grande reclamação, a 7\$950
A 2\$450! Camisolas de lã muito fortes, artigo de grande abato, para homem.	A 2\$450! Camicolas de lã, artigo de grande abato, para homem.	A 7\$50! Cache-cóis de lã, grande abato, para homem.
A 1\$00! Sapatinhos de malha de lã, de grande abato, para crianças.	FATINHOS DE MALHA de lã, diversas cores, para meninos, a 9\$250, 8\$250 e 7\$250	A 1\$00! Peúgas de algodão com canhão, para crianças.
A 6\$500! Camisões com peito de zephir, padrões modernos para homem, grande sortido.	A 7\$500! Camisões de cretonne inglesas, novos padrões para homem, sortido colossal.	A 3\$500! Camicolas de zephir, novos padrões, grande sortido para homem.
MEIAS de algodão e em sedalina, para senhora, a 950 e 3\$300	PEÚGAS em cor com canhão, bela qualidade para homem, a 800 e 450	MEIAS de seda, fina qualidade para senhora, a 550
Flanelas suíças , lindas, padrões e cores fixas, metro, 1\$150 e 950	Chales pretos , boa flanela, cor garantida, a 19\$500 e 8\$500	Cobertores de flanela , cores claras, lindas batatas, tamanho regular, a 7\$250 e 5\$500
Flanelas de fantasia , avulsas, padrões de novidades, metro, 1\$850 e 1\$250	Chales de flanela , cores lisas, grande abato, de qualidade esplendida, a 18\$500 e 17\$500	Cobertores de fantasia , lindos desenhos a 18\$000 e 14\$000
BORDADO A PÊSO Nova remessa de finíssimos bordados suíços, para fazer tricot, todas as cores da moda.	ESPARTILHOS E CINTAS por medida e prova. Modelos de Paris. Cintas para senhoras doentes.	NOVA REMESSA Fantasias de plumas austríacas, diamantes, contes de madeira, caboucons e contes de jais, vidrilhos e bijuterias de Paris.

Aproveitem os nossos SALDOS!
Visitem amanhã, segunda-feira, as importantes secções dos **GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**

VÃO A' Sapataria S. Roque VER

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno. Bota branca, forma broca e americana, desde 13\$75. Bota cal preta com solado de borracha, a 37\$00. Bota cal cor, forma moderna e broca, a 26\$00. Bota branca para rapaz, a 9\$00. Sapatinhos de verniz para criança à bebé, desde 2\$50.

Grande saldo
Botas em cal pretas, botas cal cor, sapatos de verniz para homem tudo a 20\$00.

Calçado de luxo
para homens, senhoras e crianças. **Últimos modelos**. Preços convidativos. Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro, Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

Queiroz L. da
L. Trindade Coelho, 17 (Antigo L. do S. Roque)

SECCÃO EDITORIAL DA BATALHA
Acaba de aparecer
A Propriedade Privada
— POR —
José Carlos de Sousa
Preço \$20
A' venda nas livrarias e na administração da Batalha:

JOSÉ CITICAI
PRINCÍPIOS E FINS DO PROGRAMA COMUNISTA - RUA DO ISTO
Preço 3.00 — Pelo correio 4.13
Pedidos acompanhados da respectiva importância a administração da Batalha.



Vou a Chapellaria Lusitana, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dum solido capaz de resistir a todos os cascos.

Chapellaria Lusitana
Rua Arco Marquês do Alegrete, 51-54 LISBOA

Quereis o vosso relógio concentrado com garantia e por preço módico?
Levae-o ao

33 de S.º André
actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz)
OFICINA DE RELOJÓJERO E OURIVES
— POR —
ALVES D'ANDRADE, L.ª



FABRICO MANUAL

Encontra-se nesta casa um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços de reclame.

CALÇADO PARA CRIANÇA
(para todas as idades)
Botas pretas, vitela, desde 9\$00
Sapatinhos pretos, bom sortido em calçado de cor

CALÇADO PARA SENHORA
Sapatinhos de pelica, desde 11\$00
vitela, 2.º, desde 12\$00
vitela, 1.º, desde 13\$00
vitela, 3.º, desde 14\$00
Grande variedade em calçado da moda

CALÇADO PARA HOMEM
Botas brancas, vitela, desde 15\$00
pretas, cal, 1.º, desde 16\$00
calçado de luxo

Calçado de agasalho, muito barato

Grande Armazem de Calçado
21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

SAIDAL
E' o único específico ideal e infalível indispensável às senhoras para sua segurança. FRIEIRAS. — só o verdadeiro Pó de Maizé cura rapidamente. TOSSES — só as Pílulas Santas são cura radical.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES e CAUTILAS para todas as LOTERIAS PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais \$15 para registro
Fornecer para revender
TELEFONE: 1.020 — Central
PEDIDO A
F. SILVA GAMA
Rua do Amparo, 51 — LISBOA

EFECTUO O SEU SEGURO DE VIDA
— NA —
GARANTIA

Companhia de Seguros que tem 68 anos de existência, pois foi fundada em 1853

Todas as combinações de seguros sobre vida humana e os interessantes e vantajosos seguros FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e misto de capital duplo que duplica o capital no caso de sobrevivência. Prestam-se todas as informações na Agência em Lisboa: Casa Bancária — JOSÉ HENRIQUES TOTA, L.ª —

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclados em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

POLICLINICA DO INTENDENTE
Almirante Reis, 27, 2.º

PARA AS CLASSES POBRES
DR. ABEL ALVES. — Ovidos, nariz e garganta, a 15.
DR. ANASTÁCIO GONÇALVES. — Doenças dos olhos, a 15.
DR. ANTONIO MARTINS. — Doenças das senhoras, a 15.
DR. ARMANDO FORMIGAL LUZES. — Rins e vias urinárias, a 15.
DR. ALMEIDA DIAS. — Doenças nervosas e mentais. Electropneumática, a 15.
DR. ARTUR PACHECO. — Doenças de pele, a 15.
DR. BENARD QUEDES. — Rai-X, a 15.
DR. CARLOS FRADIQUE. — Doenças das crianças, a 15.
DR. FERNANDO FONSECA. — Medicina geral e sifilis, a 15.
DR. MARIO ROSA. — Clínica geral, estômago e intestinos, a 15.
DR. PEREIRA VARELA. — Doenças da boca e dos dentes, a 15.
DR. FORMIGAL LUZES. — Massagens, ginecologia, doenças de luz, mecânica, terapêutica, electropneumática, alta frequência, etc., a 15.
DR. VASCO DE LACERDA. — Clínica médica, coração e pulmões, a 15.
DR. VASCO PALMEIRIM. — Cirurgia geral e operações, a 15.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

HORÁRIO DOS COMBÓIOS
1.º Aditamento ao cartaz-horário D. 13
A partir de 1 de Dezembro próximo todos os combóios regulares de mercadorias n.ºs 2301 e 2302, que circulam entre Estremoz e Beja, passam a ter paragem a meio minuto no apeadeiro da Mata para o serviço de passageiros das três classes.
As horas de paragem destes combóios reteriam apenas as seguintes:
Combóio n.º 2301 às 12-44
Combóio n.º 2302 às 14-14
Lisboa, 25 de Novembro de 1921.
O director geral da Companhia.
Ferreira de Mesquita.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

4.º aditamento à classificação geral de mercadorias

Pequena velocidade
A partir de 1 de Dezembro de 1921, nos transportes de aguardente, azeite, gergilipa e nêos em vasilhames de ferro (tambores, etc.), os combóios regulares de mercadorias n.ºs 2301 e 2302, que circulam entre Estremoz e Beja, passam a ter paragem a meio minuto no apeadeiro da Mata para o serviço de passageiros das três classes.
As horas de paragem destes combóios reteriam apenas as seguintes:
Combóio n.º 2301 às 12-44
Combóio n.º 2302 às 14-14
Lisboa, 14 de Novembro de 1921. — O director geral da Companhia, Santa Viegas.

A grande Baixa de Calçado
a Sapataria Social Operária

Sapatinhos em cal preto para senhora 11\$00
Sapatinhos em verniz todos os modelos 20\$00
Botas cal preto grandes e saldo 21\$00
Botas cal preto com duas solas 22\$50
Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00
Grande saldo de botas pretas para crianças 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23.00
Vão ver, pois só lá se encontra **Barão e Bom**
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 63

A BATALHA
Diário da manhã
Porta-voz da Organização Operária Portuguesa

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)
Continente e ilhas, 1 mês, 240; 3 meses, 720; 6 meses, 1440; 1 ano, 2880.
África Ocidental e Espanha, 3 meses, 720; 6 meses, 1440; 1 ano, 2880.
Colónias portuguesas, 6 meses, 2000; 1 ano, 4000.
Países estrangeiros, 6 meses, 2500; 1 ano, 5000.

O pedido de assinatura e de quaisquer obras da secção de Livraria de A Batalha devem ser acompanhados das respectivas importâncias e dirigidos à administração da Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º andar, Lisboa-Portugal.

ANÚNCIOS
Recebem-se na administração da Batalha e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, e demais agências de anúncios, não se publicam comunicados e anúncios com carácter e particularismo à vida privada de qualquer pessoa.

CORRESPONDÊNCIA
A correspondência relativa à redacção deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha.
Os assuntos relativos à administração não devem ser enviados na correspondência para a redacção, devendo ser tratados em nota a parte. Não se restituem os autógrafos.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO.
Calçada do Combro, 38-A, 2.º
LISBOA-PORTUGAL
Telefone 5339 G.